



## A MICROCEFALIA SOB O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO

Rosângela Diniz Braga (1); Josefa Adélia Andrade (2); Dhemes Samara Gomes dos Santos (3)

*Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande/APAE-CG*

[Apae.cg@ig.com.br](mailto:Apae.cg@ig.com.br)

### INTRODUÇÃO

O tema em estudo tem como meta analisar as atividades e atitudes do professor em sala de aula com os alunos com microcefalia e/ou com alterações do sistema nervoso central. Visando especificar quais desses fatores favorecem a interação social, educativa desses alunos.

Baseada nos estudos de (Melo, 2015), que apontam para o fato de que as pessoas portadoras de microcefalia apresentam dificuldades básicas do cotidiano e de que a inclusão escolar colocada em foco atualmente através dos vieses das representações é de fundamental importância para o alcance dessa aprendizagem; passamos a observar as atividades e atitudes do professor em sala de aula, na busca de verificar quais dessas atividades contribuem para melhorar o desenvolvimento intelectual desses alunos.

Os dados foram coletados na APAE-CG/PB, o que torna esta pesquisa, um instrumento valioso para aqueles que lidam com pessoas portadoras de necessidades educativas diferenciadas.

O procedimento da pesquisa inclui um questionário aberto com os professores da unidade de ensino; entrevistas semiestruturadas com a mãe, relatórios da psicologia, da assistente social e todo material existente sobre o histórico escolar do aluno alvo deste estudo obtidos ao longo de 4 (quatro) anos. Este estudo tem como objetivo abordar os avanços positivos da aluna, provocar discussões sobre o desenvolvimento da criança portadora de microcefalia, suas necessidades educativas, intelectuais e motoras.

### METODOLOGIA

A presente reflexão caracteriza-se como uma prática pedagógica e social da unidade escolar, destacando-se entre estratégias ministradas de forma interdisciplinar que venham potencializar a criatividade e a valorização de cada educando.

Assim, abordamos a criança diagnosticada com microcefalia, que na maioria dos casos apresenta as estruturas neurais destruídas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, considera com microcefalia o sujeito que possui o perímetro cefálico igual ou menor que 32cm.

Nesta realidade, as causas da microcefalia podem ser: infecções adquiridas pela mãe especialmente no primeiro trimestre de gravidez. Ex.: Toxoplasmose, rubéola, citomegalovirus e o zica-vírus que faz morada nos neurônios e nos tecidos do cérebro.

\*Abusos de drogas e álcool;

\*Contaminação por radiação;

\*Síndrome genéticas com a Síndrome de Down entre outras...

Por outro lado, estima-se que a aluna em estudo, tenha um atraso do desenvolvimento neurológico, psíquico ou motor.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O tipo de seqüela varia de acordo com a área cerebral afetada, percebe-se certos déficits cognitivos. Problemas visuais, auditivos, auditivos e motor bem como atraso no desenvolvimento intelectual.

Segundo estudiosos a microcefalia não tem até o momento tratamento específico, daí a aluna vem sendo acompanhada por uma equipe multidisciplinar, que realiza um trabalho voltado para minimizar as áreas comprometidas.

Na fisioterapia trabalham-se atividades motoras respiratórias, na fonoaudiologia a fala e a audição seguida de ações da terapeuta ocupacional, onde já se percebe avanços significativos nas tarefas realizadas em sala de aula, superação do egocentrismo, a comunicação com os colegas, tendo em vista a satisfação de vir a escola e compartilhar brinquedos, objetos didáticos e até mesmo lanche diferenciado.

Sua adaptação vem sendo percebida, após as mediações e valorização da professora, que sempre afirma que ela é fundamental na distribuição de atividades, na ajuda mútua aos colegas, e responder com sucesso as atividades ministradas em sala. A aluna tem boa interação com a professora, solicita ajuda quando se sente insegura, compreende as atividades de sala, além de abordar fatos realizados em casa.

Essa evolução pauta-se nas práticas pedagógicas coerentes com a realidade dos alunos bem como a valorização destes. Percebe-se também o interesse da aluna na organização da sala, para cada atividade ministrada seja em grupo e/ou individual.

Para os profissionais, interdisciplinar abordam o acesso e a adaptação da aluna aos recursos tecnológicos e pessoais, vistos nas práticas pedagógicas e demais serviços destinados aos alunos, mediados com novas estratégias inclusivas que sejam capazes de aprimorar o trabalho realizado na Unidade Escolar.

Neste contexto, busca-se beneficiar cada educando seguido do apoio aos familiares. Diante do exposto, surge o imperativo de ampliar a prática educativa voltada para inclusão social, intelectual dos educandos.

No interior dessa prática educativa encontramos educadores protagonistas do papel de mediador junto ao aluno na construção do conhecimento e da qualidade de vida.

Segundo a professora Rosângela Diniz Braga, em sua atuação na APAE-CG/PB, afirma a fundamental importância de compreender quais necessidades específicas de cada educando e respeitá-las, além de garantir o seu desenvolvimento peculiar as necessidades básicas em sala de aula e no seu cotidiano familiar.

Isto é, uma prática pedagógica eficiente capaz de proporcionar ao aluno, em estudo, estímulos positivos, que venham beneficiá-lo em seu desenvolvimento intelectual e social, satisfatório dentro de suas limitações, haja vista as possibilidades promissoras de uma vida melhor como tomada de decisões, criar identidade própria e se tornar cidadã de direitos e deveres.

Portanto, esperamos Políticas Públicas e práticas pedagógicas, avaliações e aplicações de novas tecnologias que venham capacitar e desenvolver um círculo flexível de ações permanentes da APAE-CG/PB.

Por outro lado, são pensados e colocados em prática alternativas adaptativas que podem fazer circular novos significados que superem o estigma contido nos sujeitos com microcefalia e as seqüelas exigem ações concretas dos profissionais de forma multidisciplinar, garantindo assim, o acesso e a permanência destes alunos na escola. Respeitando suas características culturais, individuais e evoluindo em suas competências que auxilie os seus alunos não somente a se adaptar às estruturas socioeconômicas; mas serem criativos a ponto de questionarem e a proporem



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

alternativas que venham a somar as consequências contidas na microcefalia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados conseguidos ao longo desse período demonstram uma clara evolução da aluna nas áreas intelectual, social e emocional. Através de atividades voltadas para a valorização da educanda e de uma relação professor/aluna, baseada na compreensão, é possível construir a valorização pessoal de alunos portadores de necessidades educativas diferenciadas e conseqüentemente, proporcionando a estes indivíduos, maiores oportunidades de aprendizagem.

Além dos pressupostos mais gerais, a valorização pauta-se pelos pais ou pessoas próximas, que proporcionam confiança à criança em desenvolvimento. Confiança esta necessária para que cada ser humano desenvolva sua capacidade para pensar e enfrentar os desafios da vida.

De acordo com OARKLANDER, (2010, pg.309), compreende-se que a criança não nasce com sentimentos ruins em relação a si. Todos os bebês pensam que são maravilhosos. Entretanto, à medida que vão crescendo, a forma como a criança se sente em relação a si surge através do contato afetivo com os pais. A criança adquire firmeza ou insegurança dependendo da interação com o meio no qual está inserida, que pode ou não proporcionar a construção de uma autoafirmação positiva.

A criança amada exibe sentimentos de contentamento em consonância com os afetos recebidos, cultivando valores e discernimento em suas ações, percebe sinais de constrangimento ou angústia no semblante dos pais, se retrai em seu próprio mundo, ou “faz birra”; transferindo para si um sentimento negativo denominado baixo-autoestima.

Branden (2000), argumenta que a questão da autovalorização e do desenvolvimento social, precisa ser revisto no âmbito da área educacional, onde há necessidade de formar alunos mais conscientes de suas capacidades e atuação na sociedade; onde se faz presente uma ruptura com a visão radical, exagerada de alguns pais e educadores.

Nesse contexto, a importância das atividades e atitudes das pessoas que convivem com os alunos portadores de necessidades educativas diferenciadas na construção de sua autoafirmação e do seu desempenho social intelectual.

Segundo Bee (2014), o desenvolvimento da autoafirmação é um importante evento evolutivo, pois o aprendizado que uma criança acredita não dominar ou a existência da limitação física que a impossibilita de realizar algo em benefício próprio, na maioria das vezes, afeta a interação com o mundo que a cerca. No entanto, um autoconceito positivo pode ter efeitos benéficos no desenvolvimento da vida diária.

Nesta perspectiva, cabe ao educador e demais profissionais da educação incentivar o aluno a conhecer outras pessoas com deficiências leves e graves, que ora desenvolveram atividades e aprendizados em benefício próprio e dos outros, que possuem uma visão crítica da realidade que lutam contra o preconceito e já conseguiram superar algumas barreiras que a microcefalia e a sociedade lhes impuseram.

Os estudos aqui comentados, convidam os educadores a refletir a cerca de suas atividades e atitudes em sala de aula, e a buscarem meios adequados, ou seja, metodologias sócio afetivas, que favoreçam o contato mais próximo com a realidade do alunado.

Desta forma, as atitudes tomadas e as atividades propostas devem estar sempre em consonância com as possibilidades dos alunos respeitando seus limites e diferenças.

Dentro da relação professor/aluno, as ações devem ser desenvolvidas de forma ritmada para lidar com as diferentes fases do desenvolvimento cognitivo e afetivo, buscando mostrar que o educando é capaz de desenvolver sua criatividade, ser crítico e conhecer a essência dos seus hábitos e costumes. Algumas escolas, entretanto, pretendem adaptá-lo, tornando-o muitas vezes um ser manipulado dentro de seus padrões hierárquicos e sistemáticos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## CONCLUSÃO

Faz-se necessário que os educadores conheçam os limites e alcances de cada aluno seu, favorecendo assim, o desenvolvimento de suas potencialidades evitando as possíveis situações de fracasso e permitindo-o vivenciar situações de êxito na busca de construir neles uma autoafirmação positiva. A escola deve ser um local onde cabem formas diferentes de compreender o mundo, em seus infinitos aspectos.

Portanto, estudos abordam um maior índice de crianças com microcefalia nos Estados do Nordeste, especialmente Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte entre outros. Por uma lógica deslocada do foco pedagógico, identificando-a como um problema social e assim apresentando um sujeito coletivo, cultural, social, e político antes das premissas pedagógicas.

Pretende-se também questionar o processo de inclusão escolar, entendido enquanto perspectiva de vista até então como uma barreira a ser galgada, em busca de um espaço mais justo, minimizando assim, as sequelas contraídas pelos danos detectados no cérebro desses sujeitos.

De acordo com a publicação da Resolução (NE/CEB, nº 04/2009, Brasil, 2009), define que a obtenção de informações a cerca de como funciona a rede social de apoio aos familiares de crianças com microcefalia, enfatizando-se o tipo de assistência prestada. Porque contribui com a ampliação de produção científica dos órgãos competentes; pode contribuir para a formação de recursos humanos na área da saúde tendo como base, o planejamento de uma assistência holística a criança e a seus familiares e com o fortalecimento de políticas públicas de saúde e educação voltadas para os casos de crianças portadoras de microcefalia e/ou malformação congênita objetivando melhorar a qualidade de vida dos alunos especialmente nas unidades de ensino.

Portanto, a relação professor/aluno, venha beneficiar de forma considerável, o desenvolvimento social, intelectual destas pessoas, para uma visão de mundo digna a qualquer ser humano. Especialmente ao oferecer melhora no desempenho da criatividade da valorização e das atividades básicas do dia a dia.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OAKLANDER, Violet. *Descobrendo crianças, a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. 9ª edição. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977

BRANDEN, N. *Auto-estima e os seus Seis Pilares*. 5ª edição. Editora Saraiva: São Paulo, 2000

MELO, A. *O avanço do surto de microcefalia*. Revista Época. Acessado em <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/11/o-avanco-do-surto-de-microcefalia.html> em 01/07/2016

BRASIL. *Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial*. Acessado em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013\\_09\\_homolog.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013_09_homolog.pdf) em 06/06/2016



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)